

## O educador-modelo nietzschiano

### RESUMO

Destaco excertos da obra "Schopenhauer Educador" relevantes pelo seu caráter universal. Nietzsche elege Schopenhauer como modelo de educador por ser um pensador independente do Estado, original, cujas reflexões se referem mais ao coletivo que a interesse próprio. Saliencia que pensadores da qualidade de Schopenhauer estão sujeitos à solidão, posto que o isolamento é necessário em períodos de reflexões originais e criativas. Propõe que filósofos e educadores conduzam sua própria vida sob os mesmos princípios éticos e morais nos quais acreditam e sobre os quais se manifestam. Condição essa *sine qua non* para que sejam reconhecidos pelos aprendizes como autênticos exemplos. Elenca doze características limitantes a pesquisadores e professores que desejam honestamente avançar seus conhecimentos científicos e se aperfeiçoar moralmente, dentre eles a escolha de temas fáceis para pesquisar e pensar mais em interesses próprios que coletivos. Essas características, identificadas em pesquisadores e professores alemães do século XIX, recorrem atualmente na maioria das universidades ocidentais, incluindo brasileiras.

**Palavras-chave:** Educação; Schopenhauer; Nietzsche; Professores; Pesquisadores.

### ABSTRACT

Highlight a few excerpts from "Schopenhauer as Educator", which I deem relevant due to their universal importance. Nietzsche elected Schopenhauer as a model educator because of his original, government-independent mind, whose reflexions are much more about collective than personal interests. Nietzsche stresses that thinkers with such qualities are doomed to solitude, for this is a necessary condition to produce original and creative thinking. He also proposes that philosophers and educators should guide their lives under the same ethical and moral principles they believe in and speak of. This is a *sine qua non* condition in order to be recognized as genuine role models by their students. Nietzsche lists 12 traits that

---

\* Prof. Visitante Senior, Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais da UFC. E-mail: rpmartins917@gmail.com. Marcos Soares Barbeitos verteu o resumo para o inglês.

prevent some teachers and researchers from bettering themselves, from either a scientific or personal perspective, among those the choice of tractable issues as the main focus of their research and always putting their personal interests ahead of broader ones. These traits, which were first identified in German professors and scientists of the 19th century, are recurrently found in most Western universities, including the ones in Brazil.

**Keywords:** Education; Schopenhauer; Nietzsche; Teachers; Researchers.

## Introdução

Nietzsche foi um pensador firme, convicto e contundente. Focaliza o homem e suas dificuldades em entender a si e ao mundo que concebe e vive. Podemos designá-lo “Filósofo do Humano”, sobretudo porque aborda de vários ângulos o “ser” humano, discute suas dificuldades existenciais e complexidade multifacetada, raras vezes coerente, criativo e inovador. Defende que ao aceitar uma forma de viver, o homem a viva plenamente, sem abrir mão dos princípios que orientam sua forma de viver; aceite desafios difíceis de serem superados, mas que levam à originalidade e criatividade do conhecimento sobre os fenômenos do mundo, sobre sua vida interior e de suas potencialidades de interação positiva como os demais homens com os quais interage e procurar que suas reflexões tenham caráter universal. Todas essas características integravam a personalidade de Nietzsche e faziam dele um pensador fecundo, independente e crítico da preguiça de pensar, agir e de omissões perante as dificuldades do existir. Não apenas na obra-foco, mas em toda sua obra essas características aparecem vívidas. Neste ensaio, Nietzsche toma Schopenhauer como modelo de educador. Considerava-o autêntico e autônomo pelas idéias e atitudes que demonstrava. A vida do jovem Nietzsche se superpôs parcialmente à do velho Schopenhauer: ele tinha 24 anos quando Schopenhauer morreu aos 72 anos.

## Schopenhauer: modelo de filósofo educador

Nietzsche muitas vezes se refere à educação dos filósofos, que ele reconhece junto aos santos e artistas como categoria de homens de espírito elevado e não preocupados consigo próprios. A preocupação desses homens é a de pensar e agir sempre em busca de aperfeiçoarem a si mesmos. Atitude que à primeira vista poderia parecer egoísta, se revela como altruísmo. Esses homens criam e inovam com dedicação e coerência, não em benefício próprio apenas, mas também em benefícios de outros homens. Em contraste, especialmente no sexto capítulo, critica a postura dos “sábios”, professores e pesquisadores, que se dedicam às “ciências do detalhe”. Estes se preocupam mais com seus próprios interesses ao invés de interesses coletivos.

Flusser (1967, p. 43), filósofo judeu-tcheco, naturalizado brasileiro, que viveu um período de tempo em São Paulo, identificou dois tipos de filósofos. Os tratadistas escrevem na terceira pessoa, são intelectualmente honestos, mas existencialmente desonestos: não se expõem no texto que elaboram; os ensaístas, honestos de ambas as formas, escrevem na primeira pessoa e se expõem existencialmente. Ao propor maneiras de conduta a fim de superar dificuldades de existir, estes, em geral, pregam a coerência como uma atitude indispensável ao pensador autônomo e livre que age integralmente do modo que acreditam. Nietzsche foi impar representante dos ensaístas.

A tarefa do filósofo educador (e dos educadores em geral) seria a de identificar e estimular o desenvolvimento do pendor principal de cada educando, e evitar que este possa eclipsar os demais. A tarefa de educar exige atenção personalizada e anti-autoritária aos jovens. Permite-lhes liberdade para que expresse seus interesses e frustrações; em se descobrir e ao mundo.

Na Alemanha Nietzschiana, do último quartil do século XIX, essa atenção fosse possível talvez em escolas cujo ensino não fosse massificado, padronizado, e exercido sob a expectativa lucrativa do mercado e do autoritarismo dos professores. Naquela época, o ritmo de expansão dos meios de produção se achava “aquecido” pela incorporação social de soluções criativas e inovadoras, promovidas por meio da evolução industrial, cuja finalidade foi a de modernização das instâncias produtivas, ampliação e inclusão de consumidores. Até que ponto essa realidade afetou a aprendizagem das crianças e jovens naquele período, deve ser avaliado por meio de investigação histórica, além do objetivo deste ensaio. Confirmando-a pode ter sido o embrião, na Alemanha e em todo o ocidente, originário do ensino massificado e triturador de potencialidades artísticas e científicas.

A massificação do ensino pode ser observada no Brasil a partir dos anos 70, início da proliferação tumoral de instituições privativas de ensino fundamental, à medida que o modelo exitoso do ensino público, de qualidade, se esgotava. Surgiu a figura do “empresário do ensino” que se apropriou do discurso governamental sobre ampliar as oportunidades educacionais para justificar seus empreendimentos lucrativos. O discurso objetivava, e ainda o faz, o ingresso ao ensino superior de jovens cujas famílias percebem renda insuficiente para arcar com mensalidades de valor elevado. Por esta e outras razões, o mesmo ocorre em fundações filantrópicas (*tax free*) que praticam valores das mensalidades além da capacidade financeira de expressiva parcela dos potenciais candidatos.

A expansão incontida desse tipo de instituições abriu ampla avenida para formação de profissionais de capacidade técnica limitada, inclusive professores com bagagem insuficiente para formação técnica, muito menos humanista, de jovens principalmente provenientes da classe remediada. Raros foram os educadores de fôlego e visão abrangente, que perceberam em momentos diferentes de nossa história a articulação dessa trama insidiosa, a exemplo de Anísio Teixeira, Paulo Freire e Darcy Ribeiro.

Independentemente da situação jurídica (privativas, fundações, públicas) das instituições de ensino, todas estão sujeitas a vieses ideológicos. A ideologia

do falso nivelamento, da falsa igualdade de oportunidades, resulta em profissionais ideologicamente “contaminados” e incapazes de enxergar possibilidades além do “beco” estreito através do qual a ideologia os conduz. Isso seria liberdade? Ou liberdade seria a capacidade de se sentir livre da influência de idéias que não tenham sido previamente refletidas e cotejadas?

Nietzsche (2008, p. 49) e Wilde (2003, p. 25) repudiam o autoritarismo como modo de “domesticação” do pensamento e maneira de privilegiar os “magnânimos benfeitores do povo” e seus áulicos. O autoritarismo, coercitivo, asfixia tentativas de liberdade de pensar e viver contrário à ideologia dominante. Poucos criticam tais atitudes e raras vezes constituem pequenos focos de resistência ao autoritarismo. Mesmo esses grupos “progressistas” fundamentam suas atitudes em ideologias supostamente libertárias, que seduzem os que almejam melhores condições e oportunidades de ascensão por meio da educação formal.

Nietzsche denunciava o amontoado de espíritos desequilibrados e instituições caducas que promovem o chamado, entre nós, ensino fundamental. Quem aceitar acriticamente tal maneira de educar, a exemplo do que ocorre em muitas instituições seculares, se comportará como ovelhas tangidas pelas mãos de “pastores”. Quando afirma: “temos que assumir perante nós mesmos a responsabilidade de nossa existência.” (NIETZSCHE, 2008, p. 17), ele assume e convida aos demais a conduzir sua própria vida sem abrir mão da liberdade de refletir e agir com responsabilidade, sejam quais forem as atitudes que desempenhar consigo próprio ou com os demais.

O aforismo de Schopenhauer, de importância máxima no processo educacional, foi destacado:

não engane ninguém, nem a ti mesmo; nem mesmo usando essa espécie de mentira forçada e mundana que interfere em toda conversa, ou quase isso, e que os escritores imitam quase sem dar-se conta; menos ainda recorrendo à mentira mais consciente da tribuna, auxiliado com os recursos da retórica. (NIETZSCHE, 2008, p. 26).

Corridos mais de 200 anos, esse comportamento enganoso ocorre em todas instâncias de interações sociais. Nietzsche afirma ser ilusório acreditar que: “um espírito possa ser livre e autônomo, uma espécie de servidão fecunda que esse espírito se impõe, não se manifesta a cada momento de nossa existência, mesmo quando estivermos sós.” (NIETZSCHE, 2008, p. 31). Critica Kant, ligado à universidade e, portanto, submisso ao poder público: “guardava as aparências de uma fé religiosa, suportava viver entre colegas e estudantes.” (NIETZSCHE, 2008, p. 31). O comportamento de Kant produziu: “professores de filosofia e filosofia de professores.” (NIETZSCHE, 2008, p. 31).

Opostamente, Schopenhauer manteve-se independente do Estado e Sociedade, modelo de pensador independente e autônomo. Tentou, todavia, ingressar na Universidade como professor, mas não foi aceito. Sua postura independente e autônoma pode ser mantida, pois não lhe preocupava como sobreviveria. Até o fim de sua vida manteve-se por meio de herança familiar.

## Os perigos que rondam o pensador independente

O primeiro perigo com a qual Schopenhauer teve de lidar, é o provocado pela solidão. A solidão, um tipo de enclausuramento a que um pensador se impõe, é de máxima importância para a qualidade e densidade de suas reflexões. Ao mesmo tempo o afasta da sociedade, isolando-se por descumprir certas regras sociais de convivência amenas que a maioria cumpre sem contestar. Se, naquela época, estar só era uma tarefa difícil e exigia muita disciplina, em nossa época cada vez mais nos isolamos, não com o objetivo de apurar nossas reflexões. Isolamo-nos à procura de conter a ansiedade que respiramos com dificuldades na vida sufocante pós-moderna. Em parte esse isolamento se dá através do fácil acesso à informação vazia e inútil possibilitado pela sofisticação das tecnologias de comunicação. Os que não usam esses mesmos recursos para este fim, mas dedicam-se a refletir sobre essa condição de recolhimento humano que também os atormenta, são “outsiders”, socialmente deslocados. A fuga dos que se recusam a refletir e até mesmo zombam dos que refletem, em médio prazo, os torna usuários de drogas, sexo e outros prazeres efêmeros que, mesmo infinitamente repetidos, nada contribuem para aplacar os efeitos da solidão. A maioria dos homens passa muito tempo a sós com o próprio pensamento, mesmo quando estão acompanhados. Amigos verdadeiros e interessados em ampliar o conhecimento e visão de mundo contribuem com fecundos momentos de discussão estimulantes. Aqueles homens do conhecimento que precisam da solidão reflexiva, também não dispensam o:

afeto de companheiros com os quais possam se mostrar francos e simples como para consigo mesmos e cuja presença ponha fim ao aperto doloroso que lhes causam o silêncio e a dissimulação (NIETZSCHE, 2008, p. 36).

Mesmo homens dessa categoria, não se acham livres de angústias existenciais. Quanto mais conhecem suas limitações se esforçam para diminuí-las, mas a sensação de falta de propósito e tédio permanece e deve ser incessantemente combatida. Sabem que só conseguirão viver se lutar, conscientes que esta luta íntima só termina quando a morte nos colher.

Muitos religiosos se agarram a concepções transcendentais fantasiosas, que não os livra também da angústia e tédio. Essas emoções desconfortáveis são temporariamente atenuadas por meio de leituras de textos eclesiásticos, meditação, cerimônias religiosas e pregações. Leigos se comportam de forma semelhante acreditando ser possível satisfazer essa sensação de vazio existencial por meio de crenças em coisas estranhas, fenômenos que escapam da realidade.

A solidão é inerente ao homem. Dele faz parte como um braço; no primeiro caso um “membro” incômodo, pois embora nasça em uma família, constrói sua existência interior que raramente se comunica com o exterior de forma integral. Tal qual gira a Terra sem contato mínimo sequer com os bilhões de planetas no espaço cósmico de bilhões de galáxias, vivemos em nosso mundo interior do qual reconhecemos apenas algumas reações previsíveis. A filosofia de Nietzsche propõe que o

homem exponha as ideias e sentimentos ocultos em seu eu interior. Além disso, ressalta que somos dois em nós mesmos. Os dois dialogam e debatem compulsivamente, permitindo às vezes a participação de um terceiro nessa interlocução.

Retorna a Schopenhauer para afirmar que, ao optar pela independência e autonomia, ele se sujeitou a três riscos: a solidão, sobre a qual comentei; desesperar-se ante a verdade que não admite senões e esquivas quando encontra em si mesmo e os limites impostos pelas suas capacidades, a exemplo sua vontade moral, que o repleta de desejos e melancolia.

O segundo risco, o generaliza como universal a todos os pensadores que começam a refletir a partir da filosofia kantiana, ao supor que seriam capazes de mergulhar inteiramente na reflexão sobre o que sofre e ambiciona. Segundo ele, Kant apenas teve ação efetiva que modifica: “o sangue e a seiva” NIETZSCHE, 2008, p. 36, sobre um pequeno número de pensadores, embora muitos atribuam a ele ter “revolucionado todos os domínios do espírito.” (NIETZSCHE, 2008, p. 36), opinião não compartilhada por Nietzsche.

Destaca também que Schopenhauer ensina:

[...] a distinguir entre as maneiras reais ou aparentes de trabalhar para a felicidade da humanidade e como nem a riqueza nem as honras nem o saber podem arrancar o homem da profunda melancolia que lhe causa o nada de sua existência. (NIETZSCHE, 2008, p. 38).

A obstinação em alcançar a felicidade foi refletida por vários filósofos dos pré-socráticos aos contemporâneos. Naquela época do romantismo alemão, na qual Nietzsche e Schopenhauer viveram, não apenas eles, mas poetas e artistas ingênuos e honestos também se expressaram sobre o tema, muitos influenciados pelo clima romântico de uma época na qual o pragmatismo e utilitarismo prosperavam no interior das fábricas e nas mentes de certos pensadores.

Acreditar na capacidade de coexistência pacífica e operosa da humanidade, uma das formas de ser feliz, é tão romântico, sobretudo, porque humanidade é uma abstração. Abstraídos ou não, ingênuos ou não, Schopenhauer e Nietzsche foram existencialmente honestos e suficientemente altruístas em sua intensa reflexão sobre a miserabilidade existencial da condição humana. Criam também no potencial de o humano tornar-se melhor em conhecer a si e a outros.

A surpresa não se estamparia em meu rosto se soubesse que Schopenhauer e Nietzsche tivessem em parte sido influenciados pelos filósofos também germânicos, os idealistas românticos Hegel, Fichte e Schelling e o materialismo dialético de Marx, que segundo Walgenbach (2002 p. 58), transpuseram a concepção da atividade humana de realização para auto-atividade. Nesta teoria ampliada, o sujeito do conhecimento não constrói o mundo exterior apenas, mas constrói sua subjetividade. Considerando-se que cada ser humano tem sua própria subjetividade, sua auto-atividade poderia ser estimulada para a criação de conhecimento original.

Encerro parte da prosa Nietzschiana, sobre os perigos a que Schopenhauer se expôs, com o terceiro perigo: “todo homem costuma encontrar em si os limites

impostos a seus dons como sua vontade moral e esse sentimento o enche de desejo e de melancolia". (NIETZSCHE, 2008, p. 39).

Esse perigo constitui uma ameaça à sanidade e integridade intelectual do homem. O aforismo "proteja-me do que desejo" bem o retrata. Na busca de tudo que deseja o homem pode transgredir sua própria capacidade de refletir e se atirar cegamente a atividades insuficientes para satisfazer suas necessidades existenciais. Torna-se alienado, ególatra e insaciável consumidor de supérfluos como se fora esse o mais importante objetivo de sua miserável existência. Não é isso que Freud (2013, p. 31), denuncia em o "Mal Estar na Civilização"? O que representam os vitoriosos de guerras a não ser o reflexo desse desmedido desejo de satisfação em subjugar e dominar outros homens? Cada homem trava sua guerra particular, a maioria com o objetivo de dominar, raramente para aumentar sua capacidade crítica, autonomia e liberdade.

O medievalista White (1967, p. 1203), defende a tese de que a origem da crise ambiental atual é o mito da criação divulgado por meio da bíblia. O mito contém a mensagem de que o homem foi criado para dominar a natureza. Tipos de ideologia como essa dificulta o desenvolvimento do conhecimento. O conhecimento em si não liberta, ao contrário do que alguém disse. É necessário refletir sobre as possibilidades de o conhecimento ser usado para ampliar as reais possibilidades de autoconhecimento, autonomia, liberdade e bem estar humanos.

O terceiro perigo assim foi sintetizado:

é o da esclerose moral ou intelectual; o homem rompe o laço que o ligava a seu ideal; nesse ou naquele domínio deixa de ser fecundo, de procriar; torna-se, do ponto de vista da cultura, um ser prejudicial ou inútil. A originalidade de seu ser se tornou um átomo indivisível, incomunicável, uma pedra congelada. (NIETZSCHE, 2008, p. 41).

Ao afirmar "viver é estar em perigo", Nietzsche (2008, p. 41) remete a Guimarães Rosa (1956, p. 19): O jagunço Riobaldo Tatarana, personagem central desse livro, reflete: "...o perigo que é viver". Aqui se refere Riobaldo aos perigos reais, mas também reais são expor-se à exposição e o aceite de ideias preconceituosas que até mesmo um espírito livre está sujeito. Como Guimarães Rosa foi adido cultural na embaixada do Brasil na Alemanha, pode ser que o escritor mineiro tenha lido o filósofo e por ele sido influenciado quando deu fala à reflexão de Riobaldo.

## O ter e ser, a razão e a emoção

A necessidade de abranger com os sentidos o conjunto de acontecimentos da vida e do próprio existir, deve ser pré-requisito para quem pretender praticar "as ciências dos detalhes". A falta dessa visão ampla não levará a local algum e tornará o trajeto da vida confuso e complicado. Não do ponto de vista educacional apenas, mas do ponto de vista de enriquecer nossa existência. Levar essa advertência a sério evitará que a vida e a existência sejam supérfluas; evitará transtornos associados à sobrevivência física e mental.

Acreditar que “as ciências dos detalhes” em si poderá trazer a felicidade é acreditar em ciclopes e centauros, ou se expor a um processo de alienação de sua própria capacidade de refletir e criticar. Aplicar toda sua capacidade de trabalho e conhecimento científico para acumular riquezas poderá por alguns momentos fazer o homem se sentir com um poder superior ao dos que não se entregaram nessa tarefa. Levá-lo-á até mesmo desdenhar esse tipo de homem apenas porque não usa sua capacidade para acumular riquezas materiais. Mas, como disse, tais momentos serão efêmeros, considerando-se toda uma existência e os percalços que o “ser” sofrerá durante esse percurso. Haverá um ou momentos vários nos quais o acúmulo de bens materiais perderá o sentido e não lhe restará nada que lhe proporcione algum prazer de existir. O “ter” e o “ser” são completamente distintos embora não antagônicos. O “ser” de forma abrangente suplanta em muito o restrito “ter”. Quem se dedica a maior parte de seu tempo a “ser”, valorizará mais cada conquista e disporá de pouco tempo para “ter”. Eis que temos uma demanda conflitante do uso do tempo de vida. Na sociedade pós-moderna prevalece o “ter” e suas consequências, a maioria das vezes negativas para a convivência social. A medida dessa demanda conflitante entre o “ter” e o “ser” dependerá de como cada homem for capaz de se ver perante a abrangência fenomenológica do mundo. Desnecessário argumentar sobre a importância dessa discussão para o desenvolvimento das potencialidades criativas do jovem em processo educacional.

O papel que o Estado desempenha na educação também é questão a ser refletida e discutida. Nietzsche desafia os que defendem uma participação majoritária do Estado na interferência sobre a vida do homem. Quando pergunta: como uma inovação política seria suficiente para fazer dos homens, uma vez por todas, os felizes habitantes da Terra? (NIETZSCHE, 2008, p. 46). Caso haja esse sinceramente crédulo, “... mereceria ser professor de filosofia em alguma Universidade alemã, como Harms em Berlim. (NIETZSCHE, 2008, p. 46).

A ironia do pensador é dirigida a crédulos e subservientes que julgam suficiente recolher apenas as migalhas que o Estado lhes oferece em troca de seu silêncio obsequioso, bem a gosto, por exemplo, do autoritarismo da Santa Sé. Acrescenta que:

[...] o Estado, é verdade, estando nas mãos das classes ricas e dos despóticos militares querem reorganizar tudo segundo sua própria visão. Desejam que os homens lhes prestem o mesmo culto idólatra que prestavam recentemente à Igreja. (NIETZSCHE, 2008, p. 49).

O autoritarismo dos que também cultivam cegamente as ciências, pulverizam tudo que for objeto de crenças. Além disso, enfatiza Nietzsche,

[...] as classes instruídas e os Estados civilizados são varridos por uma cadeia de negócios magnificamente vergonhosos. Jamais o século foi mais secular, mais pobre de amor e de bondade. Os meios intelectuais não passam de faróis ou de refúgios no meio desse turbilhão de ambições concretas. (2008, p. 47).

A época moderna, afirma o filósofo, projetou três imagens de homem: O homem segundo Rousseau; segundo Goethe e segundo Schopenhauer. Até que



ponto e intensidade essas imagens influenciaram, e de que modo, a visão de mundo do homem moderno, à época de Nietzsche? Ele responde dizendo que a primeira provocou e ainda provoca revoluções violentas. O “homem” de Goethe não é uma potência capaz de tanta ameaça e pode até servir de apaziguador das emoções perigosas às quais o homem “natural e bom” de Rousseau estaria associado. Porém, o homem segundo Schopenhauer assume: “[...] o sofrimento voluntário da sinceridade e esse sofrimento lhe serve para matar seu querer próprio e para preparar a inversão, a total conversão de ser, que é o verdadeiro objetivo e sentido da vida”. (NIETZSCHE, 2008, p. 53).

Ser verdadeiro é acreditar em um modo de existir inegável por ser em si mesmo autêntico e isento de mentiras. Em todo percurso deste livro e obra, Nietzsche defende a reforma do “ser” para uma vida verdadeira, autêntica, que permita ao homem expressar o potencial de sua capacidade de viver de modo pleno. Para que isso possa acontecer é necessário enfrentar desafios que resultem em realizações criativas e inovadoras. Sobre esse propósito, cita Goethe:

O homem nasceu para uma condição limitada; é apto para compreender fins simples, próximos e definidos, e se acostuma a utilizar meios que tem ao alcance das mãos, mas se acaso se afasta deles não sabe mais o que quer nem o que deve fazer, pouco importando, aliás, que esteja distraído pela multiplicidade dos objetos ou transportado por sua altura e sua majestade. Para ele é uma infelicidade ser incitado a procurar uma coisa com a qual não poderá manter relações ativas e regulares. (NIETZSCHE, 2008, p. 59).

Apesar de em nossos dias não serem incomuns exemplos de homens que se desesperam quando confrontados a novos desafios; homens que se entregam totalmente à preguiça e se conformam em viver apenas a rotina mínima que lhes garante a sobrevivência; muitos homens capazes apenas de cumprir tarefas triviais e rotineiras; homens que desdenham dos que investem muita energia para realização de tarefas complexas; há de fato relativamente poucos exemplos desses homens dedicados que se destacam em suas atividades. Mesmo assim, a generalização de Goethe: “o homem nasceu para uma condição limitada” deve ser vista com cautela, pois atribui ao ele um destino inexorável ligado à sua própria condição biológica. Goethe naturaliza o humano e, paradoxalmente, de certa forma nega a possibilidade de que este, por meio da cultura, possa superar os entraves dessa condição biológica “escravizante”. Surpreendente, porque Goethe foi, sobretudo, um filósofo educador que acreditava a educação ser um meio capaz de fazer o homem suplantar essa condição. Vista de outro ângulo parece-me uma opinião elitista, a de que somente alguns homens superiores, capazes de refletir sobre essa condição limitante, conseguirão superá-la. Nesse aspecto, Nietzsche trafega também nessa trilha aberta por Goethe revelando sua condição também elitista. As poucas páginas que concluem o capítulo cinco desse opúsculo podem ser sumarizadas pela opinião do próprio Nietzsche, fundamentada em Schopenhauer e Goethe: “[...] a humanização final e suprema à qual a natureza (biológica) (acréscimo meu entre parênteses) aspira e conspira para se libertar de

si mesma” (NIETZSCHE, 2008, p. 66). Expressão esta carregada de um romantismo e fervor quase épico, mas desancorada da realidade humana e do dualismo paroxístico entre a emoção e a razão esclarecedora. Quando grita de dor o animal encarcerado no interior do homem, o eco reverbera na razão, muitas vezes incapaz de mitigá-la, em especial a dor recursiva do vazio existencial.

Pensadores atuais que se consolam por meio de um otimismo exagerado, apóiam-se no que consideram fatos generalizáveis para toda a humanidade (lembrando da já citada abstração, que o conceito humanidade carrega), como por exemplo, que a violência vem diminuindo à medida que as sociedades avançam científica e tecnologicamente. Essa é uma conclusão recente do psicólogo evolucionista Pinker (2013, p. 319). De fato, se como ele, nos basearmos no número de pessoas mortas nos diferentes e cruéis episódios de contendas da história humana, é possível acreditarmos que a violência esteja diminuindo, exceto picos ocorridos nas duas grandes guerras (PINKER, 2013, p. 415). Tenho dúvidas se de fato isso acontece. Refiro-me à violência causada pela crise existencial do mundo atual. Essas “micro-violências” cotidianas, ameaças, violência psicológica e física contra mulheres e crianças no âmbito da família, violência causada pelo tráfico e utilização de drogas e assassinatos por motivos fúteis devem ser consideradas para que aceitemos a generalização proposta por Pinker.

O entusiasmo otimista do psicólogo-evolucionista Pinker faz eco à Teilhard de Chardin (1970, p. 326), por motivos distintos. Ele acreditava que o homem libertaria o animal que vive em si, por meio de aperfeiçoamento espiritual, por meio da razão, que o levaria ao ponto “ômega”, personificado na figura mítica de Jesus Cristo, considerado por Teilhard Chardin o cume da perfeição moral.

Atualmente, muita violência é legitimada pela sofisticação tecnológica de armas que extirpam cirurgicamente o “mal”, mas também no maniqueísmo simploriamente aceito de que há bons e maus. Nietzsche (2007 p. 27), dissecou a gênese dos conceitos bem e mal. Uma de suas descobertas é a de que estes conceitos foram elaborados pela classe dominante de quaisquer tempos: o bem estaria com os nobres e cultos, o mal estaria com os ignorantes e pobres. Essa visão maniqueísta simploriamente é aceita por muitos na atualidade. Por exemplo, os Estados Unidos caçam incansavelmente os denominados terroristas que ameaçam “*the american way of life*”, atitude considerada legítima pela opinião pública de outros muitos países do ocidente, pois o “bem” deve triunfar sobre o “mal”. Convenhamos que esse tipo de atitude, baseada no maniqueísmo, guarda notáveis semelhanças com as atitudes dominadoras da Igreja sobre seus fiéis. Em análise impiedosa Nietzsche condena o cristianismo por ser das maiores corrupções que se possa imaginar: “A Igreja cristã não deixou nada intocado pela sua depravação; fez de cada valor um desvalor; de cada verdade uma mentira, e de toda retidão uma baixeza de alma.” (NIETZSCHE, 2012, p.111).

O desenvolvimento da ciência e tecnologia sofisticou os meios de expressão da violência, mas não conseguirá elevar o homem ao imperativo moral em que muitos acreditavam e acreditam. Lembrando Herbert Spencer, o animal dentro do humano continua agachado, sempre pronto para emitir seu espasmo de violência.

Nietzsche também recai nesse tipo de romantismo otimista, apesar de certa percepção realista sobre a capacidade de o homem realizar atos nobres. Sua crença é a de que: “[...] deveríamos implantar e cultivar em um jovem é que ele se considere como uma falha da natureza, mas também como o testemunho das mais poderosas e maravilhosas intenções dessa artista”. (NIETZSCHE, 2008, p. 68).

Tenho dúvidas de que as três categorias de homem identificadas por Nietzsche como das mais elevadas entre os humanos, os santos, os filósofos e artistas tenham se livrado inteiramente do animal que os habita. Caminharam os homens do passado, e os de nossa época ainda caminham, com o animal nos impelindo além do âmbito da razão.

## Os comportamentos dos “sábios”

Nietzsche critica a postura limitada dos considerados sábios, professores, pesquisadores, os quais estão à margem dos homens que superam suas dificuldades pessoais e mundanas, e se dedicam em cada dia de suas vidas ao cultivo da verdade. Homens capazes de sacrifícios pessoais para defender a integridade de seus princípios que, sempre de alguma forma, se referem ao coletivo. Afirma Nietzsche: o sábio se compõe de uma rede emaranhada de instintos e de impulsos muito variados, é um metal impuro por excelência (2008, p. 77). Dentre eles o fato de que para estes o prazer e a vitória pessoal se tornam seu objetivo; descobrir de preferência certas verdades, como servidão para com certas pessoas, opiniões, castas, igrejas e governos estabelecidos, porque sabe que essa servidão lhe trará benefícios pessoais.

São 13 tipos de comportamento que identifica nos sábios:

Certa honestidade e o gosto pela simplicidade - qualidades muito estimadas quando são melhores que inabilidade e experiência em matéria de dissimulação, a qual exige um pouco de malícia. Em toda parte, com efeito, onde se observa malícia e suavidade, é bom estar de sobreaviso e por em dúvida a retidão de caráter. A honestidade assim apresentada refere-se apenas a verdades banais e na maioria das vezes não exprime a verdade, a não ser a respeito de coisas simples e insignificantes. (NIETZSCHE, 2008, p.78).

O segundo comportamento: “perspicácia para coisas próximas junto a uma intensa miopia para o que é distante e abrangente”. (NIETZSCHE, 2008, p. 79). Semelhante ao anterior é este.

Segue-se a: “natureza prosaica de suas inclinações e aversões. O sábio, quando se trata de história, persevera em desenterrar todos os motivos vulgares ocorridos no passado, porque ele se sente da mesma forma.” (NIETZSCHE, 2008, p.79). Este demonstra certo pendor para admirarem o grotesco e banal.

O quarto comportamento: “indigência intelectual e aspereza do coração. Neste caso seu comportamento é frio e por isso parece muitas vezes cruel. É interpretado como corajoso, mas não passa de um néscio que ignora a vertigem”. (NIETZSCHE, 2008, p. 79). Atitude esta arrogante e pueril.

O seguinte: “falsa modéstia que transmite a idéia de que não se sentem sacrificados sequer humilhados. ... Parecem saber que são animais antes feitos para rastejar do que voar, o que tem algo de tocante”. (NIETZSCHE, 2008, p. 80). Ao descrever essa qualidade do “sábio” é possível sentir seu desprezo e ironia para os que cultivam a falsa modéstia como um dos ingredientes da “sapiência”.

O sexto:

“a fidelidade para com seus mestres e iniciantes faz com tenham profundo reconhecimento pelos seus mestres e iniciantes. Desejam de todo coração lhes prestar serviço e sabem muito bem que é a verdade que os servem melhor. São reconhecidos para com seus mestres por tê-los introduzido nos palácios augustos da ciência onde nunca teriam chegado por si próprios”, representa também para o mestre uma infelicidade,, porque todos o imitam e, junto com indivíduos tão medíocres, são especialmente seus defeitos que aparecem desmedidamente aumentados e exagerados, enquanto que su fortemente diminuídas. (NIETZSCHE, 2008, p. 80).

demonstra a incapacidade e preguiça de se tornarem independentes. Associado a esse, não raro que orientandos e orientados bajulem os orientadores.

As universidades de seu tempo e atuais estão repletas do sétimo comportamento: “Hábito de seguir o caminho para o qual foi iniciado “... esses são colecionadores, comentadores, fabricantes de índices, “herbários” (inclusão minha) e coleções”. (NIETZSCHE, 2008, p. 80). Nesse esforço honesto em catalogar, transparecem ser produtivos ingênuos e incapazes de identificar o verdadeiro conhecimento.

O oitavo caracteriza o:

medo de se aborrecer. Uma vez que o verdadeiro pensador de nada gosta tanto como do lazer, o sábio vulgar o teme, porque não sabe o que fazer com ele. Seus consoladores são os livros ou escutar outro pensar de forma diversa da sua, é assim que consegue matar o tempo durante um longo dia. (NIETZSCHE, 2008, p. 80).

Aqui se incluem os leitores de trechos de livros e trabalhos científicos, que causam impacto por representarem para o sábio algo inédito e criativo. A boa memória os faz decorá-los e repeti-los, sem o mínimo de espírito crítico.

O seguinte diz respeito a interesse exclusivamente pessoal, pois sabe diferenciar as verdades lucrativas que são atrativas a muitos devotos, que se tornam seus ganha-pão, :

por isso podemos traçar uma linha de demarcação entre as verdades lucrativas, que têm muitos devotos, e as verdades improdutivas, às quais se dedica somente uma minoria das quais não se pode dizer: *ingenii lagitor venter*. (NIETZSCHE, 2008, p. 81).

O décimo demonstra submissão e medo de serem verdadeiros:

o respeito pelo colegas, o temor de seu desprezo.”[...] Todos os membros da corporação se vigiam mutuamente com extremo ciúme, a fim de que a

verdade de que dependem tantas coisas - o pão, a função, as honras - seja exatamente batizada com o nome do seu inventor (NIETZSCHE, 2008, 81), o que é bastante freqüente em fomentar um escudo protetor na forma de um corporativismo que acoberta os mediócras.

O seguinte se reveste do quase total desprezo pelo conhecimento verdadeiro:

[...] o sábio por vaidade, variedade bem mais rara. se possível quer ter um domínio bem próprio dele, tem gosto pelas raridades, em especial se estas lhe custam despesas exorbitantes, viagens, escavações e contatos numerosos em diversos países. Na maior parte das vezes se contenta com a honra em ser um objeto curioso e não pensa em de seus sábios estudos um ganha pão. (NIETZSCHE, 2008, p. 82).

O décimo segundo enfatiza a mediocridade dos que têm forte inclinação por temas de pesquisa triviais nos quais poderá com facilidade desfazer insignificantes enigmas. Por isso, sempre fica na superfície do conhecimento, cujo pensar não lhe exige muito esforço, nem o priva de festas e de encontros triviais:

O último refere-se ao instinto de justiça:

[...] uma centelha dessa chama de justiça, caída na alma do sábio, seria suficiente para abranger toda sua vida e sua atividade e para devorá-lo com um fogo tão purificador que não teria mais descanso e seria excluído para sempre dessa atmosfera morna ou gelada na qual os sábios vulgares realizam suas tarefas cotidianas” o desempenho mediocre: forte inclinação por temas de pesquisas triviais nos quais poderá com facilidade desfazer insignificantes enigmas”, por isso sempre fica na superfície do conhecimento quase auto-evidente, cujo pensar não lhe exige muito esforço. (NIETZSCHE, 2008, p. 82).

Nietzsche se referia a certos “cientistas” e “pensadores” de sua época, contudo os comportamentos podem ser encontrados sem muito esforço entre os “sábios” atuais. Vários deles se amontoam nas universidades. Cultivando a arrogância como seu principal discurso e o desprezo pelos que sofrem pelo conhecimento. O desfile de egos descomprometidos com a profundidade do pensamento, nestas instituições, constituem verdadeiro cortejos de mediocridade. Mediocridade na maioria das vezes mantida pelo poder que os argumentos de autoridade lhes revestem. O mais simples questionamento de um aluno, o faz sentir-se ameaçado. Responde de formas evasiva, jocosa ou áspera, a fim de intimidar os hierarquicamente inferiores que lhes possam ameaçar a descerrar o véu que encobre a incompetência e preguiça de pensar consistentemente. Todos os 12 comportamentos descritos, para Nietzsche são a antítese do comportamento de Schopenhauer. Daí sua predileção em elegê-lo modelo de filósofo-educador.

As dificuldades de Schopenhauer ter sido reconhecido e aceito como modelo de filósofo educador foram também abordadas. Nietzsche ressalta suas virtudes e qualidades tanto como filósofo quanto o homem, contrastando-o aos “sábios” e os critica longamente no capítulo sexto. Nietzsche aqui se mostra repetitivo, pois nos anteriores eventualmente se remetia às qualidades de Schopenhauer.

Portanto, esse capítulo seria desnecessário, como uma ênfase do que foi anteriormente mencionado, para reforçar apenas o desprezo de Nietzsche por essa débil categoria de homens, quanto à sua conduta como homem e de produtores de conhecimento limitado. limitações estas que os impede reconhecer Schopenhauer como modelo de filósofo-educador.

Penso que reconhecer as qualidades de um homem que supere as suas, não seja uma tarefa simples, pois desencadeia tormentas emocionais diversas. Desencadeiam pela incapacidade de segui-lo como modelo e pela inveja que lhes pesam os passos. Assim, mais fácil é ceder ao desejo de tentar desmerecer as virtudes do pensador, a fim de que a sua distância até os pés desse homem não se faça intransponível. Somente livres dessas emoções negativas e auto-destruidoras será possível a quem rasteja na inveja e orgulho postar-se de pé e iniciar sua caminhada de muito trabalho e reflexão árduas.

No início do capítulo oitavo, último da obra, em tom conclusivo, repete as principais virtudes que caracterizariam o surgimento de um gênio filosófico:

Liberdade viril do caráter, conhecimento precoce dos homens, uma educação que não tenha por meta formar um sábio, ausência de toda estreiteza patriótica, ausência de toda obrigação de ganhar seu pão, independência perante o Estado - em resumo, liberdade e mais liberdade, atmosfera maravilhosa e perigosa, na qual os gregos tiveram a felicidade de crescer. (NIETZSCHE, 2008, p. 95).

Embora cobre que o pensador seja independente do Estado, o que de alguma forma interfere em sua autonomia e liberdade, Nietzsche não caracteriza dependência com relação ao fato de o pensador ser mantido financeiramente com recursos provenientes de sua família, como Schopenhauer se manteve. Essa forma de dependência não difere da dependência ao Estado, basta apenas trocá-lo por família. Como todos devem pelo seu esforço próprio seguir sua vida com originalidade, criatividade, autonomia, independência e liberdade, ganhar com seu próprio esforço o pão de cada dia deveria ser uma das atividades necessárias para ser autônomo e livre. São essas qualidades que Nietzsche discute tendo como objetivo criticar o Estado quanto a seu papel limitado em prover uma educação efetiva aos jovens filósofos. Ao Estado não interessa que sejam livres e autônomos; ao contrário, que sob sua tutela mostrem alguma forma de submissão e reconheçam agradecidos o benefício que dele recebe, por exemplo: "O Estado nunca se preocupa com a verdade, a não ser aquela que lhe é útil - mais precisamente ainda, ele se preocupa com tudo que lhe é útil, verdade, meia verdade ou erro." (NIETZSCHE, 2008, p. 106 ).

Como à época de Nietzsche cabia ao Estado (e ainda cabe) a tarefa de prover as condições necessárias para educar formalmente um jovem, a sua preocupação foi a de "centrar fogo" nas universidades, considerando-as instituições de ensino inadequadas à formação do jovem independente e autônomo:

[...] nunca ensinamos nas universidades o único método crítico e a única prova que podemos aplicar a uma filosofia, a que consiste em perguntar

se podemos viver segundo os princípios dela; nas universidades só ensinamos a crítica das palavras pelas palavras". "... é portanto, fora de dúvida que a juventude universitária desistirá muito brevemente da filosofia que é ensinada nas universidades e aqueles que não passaram pela universidade desistem dela desde já. (NIETZSCHE, 2008, p. 101).

De certo modo Nietzsche aqui se repete também, por isso procurei simplificar e resumir acima o que julguei mais importante nessa discussão. Porém, como opiniões, mesmo as honestas, sinceras e em intencionadas são subjetivas, muitas vezes caberá ao interessado leitor emitir juízo alternativo sobre minha preferência subjetiva.

## Referências bibliográficas

- FLUSSER, V. Sobre tratadistas e ensaístas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, edição 19 de agosto, 1967.
- FREUD, S (1930-1936). *O Mal-estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias e Outros Textos*. São Paulo, Companhia das Letras, obras completas, v.18, 2013.
- GUIMARÃES ROSA, J. *Grande Sertão: Veredas*. v. 2, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1984.
- NIETZSCHE, F. W. *A Genealogia da Moral*. 2. ed. São Paulo: Editora Escala. Tradução Antonio Carlos Braga. *Grandes Obras do Pensamento Universal* 20, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Schopenhauer Educador*. São Paulo: Editora Escala. Tradução Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza. *Grandes Obras do Pensamento Universal* 90, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O Anticristo*. Tradução Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Editora Martins Claret Ltda, 2012.
- PINKER, S. *Os Anjos Bons de Nossa Natureza: Por que a violência diminuiu?*. Tradução Bernardo Joffily e Laura Teixeira Motta Veiga, São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.
- TEILHARD de CHARDIN, P. *O Fenômeno Humano*. Tradução Léon Bourdon e José Terra. Porto, Portugal: Editora Livraria Tavares Martins. 1970.
- WALGENBACH, W. *Conhecimento Sobre Conhecimento. Universos do Conhecimento*. Belo Horizonte. Editora faculdade de letras da UFMG. Eds. Rogério Parentoni Martins & Hugo Mari., 2002.
- WHITE, L. The Historical Roots of our Ecological Crisis. *Science*. Washigton D.C, v. 155, n. 1967, p. 1203-1207.
- WILDE, O. *A Alma do Homem sob o Socialismo*. Tradução Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Editora LP&M Pocket, 2003.